

Oração em louvor da filosofia

Infante D. Duarte — Arcebispo de Braga

Prefácio, actualização ortográfica e notas de Pinharanda Gomes

PREFÁCIO

Durante as nossas lentas investigações para estabelecimento de uma Bibliografia de Filosofia Portuguesa, que esperamos publicar em breve, assim Deus nos acompanhe, fomos atraídos pelo título de uma obra que, ocupando embora um lugar secundaríssimo na História da Filosofia Portuguesa, representava, no entanto, uma atitude apologética pouco frequente na actividade intelectual dos portugueses, sobretudo em relação à Filosofia. Tratava-se de uma Oração em louvor deste ramo da sabedoria humana e, o que era mais de interessar, escrita por um jovem de 22 anos, incompletos, o que nos vinha dar uma ideia de que sempre tem havido jovens portugueses atraídos pela Filosofia; mas que, por carência de tradição escolar e de sistematização do nosso pensamento, raramente seguem a vocação, optando, na maior parte dos casos, pelo ensaísmo, mais fácil e mais ligeiro, por isso mais acessível ao grande público.

Que existe uma filosofia de expressão portuguesa é facto hoje comprovadíssimo; que essa expressão é longa e constante, é outro facto verificado. Acontece, no entanto, que, por razões desconhecidas, não existe uma sistematização histórica desse pensamento à escala que seria para desejar. A obra que Lopes Praça escreveu encontra-se por demais desactualizada, o mesmo acontecendo com o restrito inventário de Ferreira Deusdado em relação ao século XIX. Lothar Thomas procurou dar solução à impassibilidade portuguesa, escrevendo uma Contribuição que abrange um período que vai desde o início da Nacionalidade até ao século XVI, sendo que já não entrou na neo-escolástica. Além disso, esta obra do historiador alemão constitui mais um inventário do que o estabelecimento de uma directriz assente na busca das constantes filosóficas.

As investigações isoladas de Joaquim de Carvalho, de Serafim Leite e de muitos outros, têm-se limitado à escala do «subsídio», a que nós também não fugimos, pois, ao efectuarmos a edição da obra de D. Duarte, orienta-nos o mesmo fito que orientou Joaquim de Carvalho: trazer os textos para fora dos arquivos, e possibilitar, assim, a reunião de materiais para o historiador que, no futuro, realizará a História da Filosofia Portuguesa, que Teófilo Braga havia em mente para 15 volumes, mas que não chegou, infelizmente, a efectuar. O seu espírito de investigador ter-nos-ia legado materiais bastantes para, depois, nós forjarmos a avaliação crítica do objecto historiado. Mas, passemos a D. Duarte...

Biografia

As notícias relativas a D. Duarte são escassas, dado que, nem a sua vida, nem a sua obra, foram tão longas que lograssem obter a atenção dos historiadores e dos bibliógrafos, de forma que mereça destaque.

O interesse que suscitou, ou possa vir a suscitar, deve-se fundamentalmente a D. António Caetano de Sousa que, de espírito meticoloso, procurou não esquecer nenhum facto digno de realce na História Genealógica da Família Real Portuguesa.

Fidelino de Figueiredo cita D. Duarte, na 4.^a Série de Estudos de Literatura (Lisboa, 1924), no capítulo intitulado «Para a História da Filosofia em Portugal» — como autor da Oração que ora se volta a imprimir, informando que a mesma consta do volume II das Provas da História Genealógica. Na mesma inexactidão incorre a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, pois a citada Oração consta, de facto, do volume III, páginas 40 a 54.

Lothar Thomas, no I volume da Contribuição para a História da Filosofia em Portugal (Lisboa, 1944), dedica-lhe meia dúzia de linhas, da forma que, a seguir, transcrevemos:

«Este D. Duarte, que nada tem a ver de comum com o Rei do mesmo nome, veio à luz em Lisboa no ano de 1521, sendo filho bastardo do rei D. João III. Morreu em 1543. Do seu labor filosófico ficou-nos uma Oração Em Louvor da Filosofia, e uma poesia sobre De Anima e Imortalitate.»

É, no entanto, na breve biografia que escreveu D. António Caetano de Sousa, constante do III volume da História Genealógica (páginas 539 a 541, e 139, onde trata da trasladação dos restos mortais), que devemos fundar o retrato do Infante D. Duarte de Portugal.

Segundo o autor, D. Duarte era filho natural de D. João III, que o tivera de D. Isabel Moniz, filha de um alcaide de Lisboa, e que ao tempo era moça de câmara da Rainha D. Leonor, terceira mulher de D. Manuel I. O pai de D. Isabel Moniz era vulgarmente conhecido por «Carranca». Dêmos, ora, a palavra ao Autor da História Genealógica:

«Criou-se no Mosteiro da Costa. Varão de grandes letras e Religião. Aprendeu Humanidades, Retórica, Filosofia e Teologia e outras artes liberais como Música, em que foi destro e em instrumentos. Da lingua latina estava tão senhor que principiou a escrever nela a História dos Reis de Portugal. O erudito D. Nicolau António, na sua «Biblioteca Hispânica» lhe fez com este motivo um bem merecido elogio, referindo, que em Roma vira uns fragmentos daquela História, que sentimos se não perpetuasse por meio da Impressão, por privar a posteridade de uma tão insigne memória sua.

Na lingua portugueza compoz, e recitou uma Oração em Louvor da Filosofia, quando estava no Mosteiro da Costa (Santa Marinha da Costa, junto a Guimarães); nela se vê a sua erudição, e o quanto se adiantaram nos primeiros anos os seus estudos.

No ano de 1543 o mandou El-Rei vir à Corte, e dele foi recebido com honras de seu Filho. O Infante D. Luis o apresentou à Rainha, e pretendendo-lhe ele beijar a mão, ela o recusou e com particulares demonstrações o honrou, sendo igualmente recebido na Côte, dos Infantes, Grandes, e mais Fidalgos, observando-se o Cerimonial que El-Rei para este fim ordenou. Foi Prior mór de Santa Cruz de Coimbra de Cónegos Regrantes, Abade de São Miguel de Refoios de Basto, da Ordem de São Bento, e de S. Martinho de Caramos, e de S. João de Longavares.

Sucedeu no Arcebispado de Braga a D. Frei Diogo da Silva, tendo 21 anos de idade, confirmado pelo Papa Julio III, e passando-lhe bulas lhe supriu a falta dos anos, e antes de

ser sagrado morreu de bexigas, com dez dias de doença, a onze de Novembro de 1543, na cidade de Lisboa, no Paço dos Estaos.

Foi levado ao Convento Real de Belém, onde jaz. El-Rei se recolheu por cinco dias, e tomou luto rigoroso por um mês com a côrte toda, que depois aliviou, e está em sepultura rasa, alguma cousa levantada do chão, onde se lê este Epitáfio:

REGIA TANTILLO PROLES EDUARDUS HUMATUR NEC
 JUVENI PARCERE VOLUIT
 PARCAT, LOCO PRIMATEM DOMINUNQUE ELECTUM
 BRACHARA DEFLET — QUEM VIRUS
 POTERAT REDDERE LEGITIMUM.»

Da biografia de Caetano de Sousa se pode talvez inferir que a vinda de D. Duarte a Lisboa é factor decisivo para a sua carreira, pois teria sido aqui, após o brilho do discurso que pronunciara em Santa Marinha da Costa, que El-Rei obteve a sua nomeação para uma tão alta dignidade eclesiástica como era, e é, a cadeira de Arcebispo de Braga.

Aliás, ainda que seja de admitir uma possível revisão do discurso pelo seu educador, Frei Diogo de Murça, a pedido de quem escreveu a Oração, como lá refere, temos de concordar em que o texto revela uma personalidade apta à compreensão dos fundamentos e consequências da Filosofia, no que se mostrou digno do Mestre, Diogo de Murça, que frequentara Lovaina de 1529 a 1531, veio a ser Reitor da Universidade de Coimbra (a qual procurou juntar num único local), e que propugnou a reforma dos estudos menores junto d'El-Rei D. João III.

Admitimos que El-Rei havia Frei Diogo em grande veneração, se considerarmos que a ele, não a outrem, entregou a educação de um filho que mostrou amar, conforme nos prova a recepção que lhe ofereceu em Lisboa.

Infelizmente, vítima de varíola, em plena juventude, se finou uma grande promessa do Pensamento de expressão portuguesa. Porque, cabe referi-lo, é um jovem de 21 anos que escreve esta bela Oração em louvor da Filosofia, com a segurança, a sapiência e a humildade próprias de quem todos, licitamente, podem esperar grandes feitos de inteligência.

Existem, além da notícia transcrita, mais as seguintes referências ao Infante D. Duarte: Barbosa Machado, no 1.º volume da «Biblioteca Lusitana» indica alguma bibliografia importante, da qual salientamos as obras intituladas História Eclesiástica de Braga, escrita por D. Rodrigo da Cunha, e Crónica dos Cônegos Regrantes, da autoria de D. Nicolau de Santa Maria.

Sá de Miranda, na Carta n.º 3, fala outrossim do Infante, nos termos seguintes:

«Viste huma claridade/Que de cá te lá correu/Como rayo em tal idade/Tanto saber, tal bondade/Num momento escureceu/Alma Bemaventurada/Daquele moço tão nobre/Chegaste a alta assomada/Tudo te pareceu nada/Quanto dali se descobre/»

Este elogio de Sá de Miranda, considerado o duro carácter do poeta de Basto, poderá fornecer-nos clara indicação das qualidades morais e intelectuais do autor da «Oração».

Em 1957, o Boletim de Trabalhos Históricos do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, agora dirigido pelo ilustre escritor vimaranense Manuel Alves de Oliveira, iniciou a publicação (volume XIX, n.ºs 1-4) do «Tratado Histórico, Catálogo dos Piores do Real Mosteiro da Costa», da presumível autoria de Francisco Xavier Pereira Camello, manuscrito, que pertence ao referido Arquivo.

O capítulo X desta obra, publicado a páginas 177-179 do Boletim de Trabalhos Históricos, intitula-se «Vida do Infante D. Duarte» e aí o autor refere que D. Duarte era «vulgarmente chamado delícias da Corte de Portugal», acrescentando que foi «insigne na Arte da Cavalaria».

«Enquanto esteve neste Mosteiro nunca satú a Guimarães, nem a outra parte alguma, nem ainda a ver sua mãe, (desejando-o ele muito), que estava recolhida no Mosteiro de Santa Clara do Porto, mas não pode alcançar licença para isso, nem teve modo para ir escondido, como intentou por vezes. Mandou-lhe um retrato seu, feito da mão do nosso Frei Carlos, de quem já temos dado noticia.»

Tudo parece indicar que D. António Caetano de Sousa se serviu do manuscrito citado e publicado no Boletim de Tra-

balhos Históricos, dada a semelhança de textos. O códice manuscrito tem a cota n.º 2808-B-6-4-76.

No volume XXII deste mesmo Boletim foi inserida uma ilustração representando um azulejo do Mosteiro da Costa, onde se vêem os Infantes D. Duarte e D. António «ouvindo Frei Jorge de Belém, mestre de Teologia» que foi de D. Duarte.

Comentário à «Oração»

Na obra *A Sketch of Medieval Philosophy*, J. B. Hankins notou, à semelhança de outros autores, que a Renascença foi uma grande época, em vários sentidos, mas que não viveu com originalidade a Filosofia como tal. Descreu da Escolástica mas não encontrou, imediatamente, algo que a substituisse com vantagem. Constitui prova desta afirmação o facto de, logo a seguir, a Escolástica ter revivido e produzido, ao menos no que respeita à Península Ibérica, os maiores valores.

A Filosofia do Renascimento é mais uma atitude que um método ou, digamos, é uma simples atitude, a humanista.

A Escolástica entrara em franco declínio, e a Teologia sofre uma radical separação da Filosofia, assim se dando por concluído um processo que vinha desde as escolas de Duns Escoto e de Occam.

A busca da Teologia, de que a Filosofia era, por assim dizer, um degrau, como aliás refere D. Duarte, passa a ser a busca de um humanismo regressista, centrado no reavivamento das antiguidades, que se transformam em algo de normativo, mais do que em objectos de pura especulação, ou de erudição.

Acontece que, a partir desta posição ideológica, se verifica uma propensão cada vez maior para o estudo das obras clássicas, gregas e romanas; mas, tal estudo, em vez de corresponder a uma necessidade de definição filosófica em relação ao mundo novo que se apresentava, significava apenas um interesse humanístico, seja do ponto de vista da cultura, seja do ponto de vista cosmológico, ao centrar no homem o próprio cosmos.

A Teologia passa a ser algo superior, um estádio ao qual cada homem procura chegar mediante esse humanismo, que implica sempre em erudição. A Filosofia retrai-se quanto à largueza dos objectos que até essa data incluía, e passa a cons-

tituir, principalmente, o estudo do saber, para utilizar a definição dada por D. Duarte.

Ora, nesta perspectiva, poderemos nós colocar a Oração em causa, da maneira que a seguir se resume:

Numa primeira parte, que nós separámos dando-lhe o título de «Proposição», D. Duarte propõe-se fazer o elogio da Filosofia, disciplina ou ciência tão menosprezada por uns e louvada e defendida por outros, pelos que antepõem a riqueza e os bens terrênos ao alumiamiento da alma e que, assim, «nem das bestas merecem ser distinguidos». A terminar, apela para que os descrentes da Filosofia, ao menos tenham em atenção as razões invocadas por homens doutos a favor da Filosofia e que ele, como defensor, vai rememorar.

A segunda parte, a exposição, começa exactamente pela pergunta, dirigida aos ouvintes, respeitante à diferença existente entre um homem e as «brutas alimárias». Respondendo, afirma que nem a fala, nem os sentidos, estabelecem essa diferença a qual se deve, exclusivamente ao «entendimento, alma e razão», virtudes interpostas no homem por Deus. Seguindo este propósito, mostra como os animais têm a vista dirigida para baixo e como o homem é recto, vertical, olhando para cima, no sentido simbólico da Teologia, digamos. Ora, a alma foi a primeira cousa que os filósofos encontraram nas suas congeminações e, por ser cousa importante, se sujeitou a diversas e constantes polémicas, pois estava na origem da Filosofia.

A seguir, discorre sobre as origens geográficas desta Ciência, enumerando as várias teses publicadas, e concluindo que nem umas nem outras estavam dentro da razão, uma vez que a Filosofia é coisa que se vem aperfeiçoando com as várias contribuições, e que nenhum povo logrou pôr a «arte em perfeição».

Daí, vem para a definição de Filosofia: «trata daquilo que a só o homem convém i. e. «da inquisição da verdade», o que constitui a maior virtude humana, pois nenhum dom material se lhe pode comparar, invocando o testemunho histórico das mais notáveis personalidades.

Por conseguinte, «inquisição da verdade», a Filosofia é também um acto constante de humildade perante a própria Verdade, que exige, por isso, uma compostura moral que não sofre os vícios e o pecado: «Filosofia acompanhada de virtude».

O percurso do Filósofo, vai, assim, da Moral à Lógica e desta à Física, de que tece o elogio e mostra as virtudes: « não menos proveitosa que deleitosa ».

Faz, depois, a defesa da Ciência do Mundo ou Física, ao conciliá-la com a tradição cristã da « inocência » franciscana e de São Paulo, ao mostrar como a ciência não contraria a virtude e que a ciência prejudicial só será se não for correspondida por um comportamento virtuoso e, segundo se infere, virtuoso do ponto de vista cristão.

Critica, a seguir, as escolas filosóficas anteriores a Aristóteles, que fingiam « monstros e mentiras como lhes vinha à vontade » e « enganavam o povo », que não sabia diferenciar o falso do verdadeiro. Então, faz uma introdução ao estudo das disciplinas que conduzem à Filosofia, chamando mais uma vez a atenção para a glória dos verdadeiros filósofos, que fizeram arte longa e assim se imortalizaram e, com eles, as suas terras natais, as suas pátrias.

Volta a falar da Filosofia como suporte da existência ou da moral humana, e termina, apelando para o bom senso dos ouvintes a favor da verdadeira vida.

Mas, como seria natural a quem considerava a Filosofia um degrau do saber humano, ao iniciar a última parte, inicia o louvor da Teologia « sem a qual nada é perfeito de tudo quanto orámos ». Mostra como a Teologia é « tratado de Deus » e demonstra que ser teólogo não implica necessariamente em ser autor de boas regras para discutir o objecto da Teologia. Quer dizer, também a Teologia é uma atitude, um comportamento, uma graça que devemos obter, e que se resume em « coração singelo e humilde », próprio de quem « com obras cumpre ». Torna-se curioso anotar um leve fio de ironia contra os Teólogos entendidos em sentido diferente do seu, ao dizer: « Nem por isso condeno certas subtilidades dos teólogos, as quais a gente comum não sabe, mas porque daí não devemos de afirmar que eles só entendem a Sagrada Escritura, a qual é mais patente que as estrelas e que o sol, e sós hão-de herdar a bem-aventurança, mas todos os que choram, os que socorrem os pobres, que por mal retribuem bem. »

Conforme o leitor terá ensejo de observar, a doutrina de D. Duarte apresenta-se como um sincretismo de escolas filosóficas, ao admitir a validade de quase todas as teorias antigas,

por virtude do próprio senso humanista do autor. Por um lado, afirma a possibilidade do ideal como entidade real e atingível, de acordo com Platão; por outro, afirma a Metafísica tal como Aristóteles, e defende o critério da busca e da moral como Sócrates que reforça com a citação dos estóicos, cujas obras refere, sendo que também ele se preocupa com o princípio estóico da vida breve, arte longa, imortal, impressa na memória dos homens.

Concluindo, diríamos que D. Duarte é um pensador eclético dirigido na especulação pela Teologia Cristã, de que afirma, como prova mais valiosa, a vida moral de cada um. Por esse motivo, quase poderíamos concluir que esta Oração se trata de um elogio da Moral Cristã, a partir das provas filosóficas tiradas da história e que tão copiosamente o autor cita.

De inspiração escolástica sente-se nela, no entanto, o pulsar da Renascença e a abertura da mente às ideias que proliferavam no mundo.

Nota final

Conforme o leitor terá ocasião de testemunhar, o estilo de D. Duarte não se pode chamar de modelar. Se é certo que não fazemos prova sobre o manuscrito, a crença na fidelidade da transcrição efectuada por D. António Caetano de Sousa leva-nos a supor que, efectivamente, o texto presente corresponde fielmente ao do manuscrito da Cartuxa de Évora.

Estilo arrevesado, interpolado, sujeito a períodos longos e a uma construção latinizante a todo o momento palpável. Não nos competia, até por respeito para com o autor, modificar o aspecto sintáctico do escrito. Por isso, nos limitamos a fazer uma actualização ortográfica, deixando, no entanto, por modificar certas palavras que dão certa cor epocal ao texto. Suprimimos as letras dobradas, acentuámos onde nos pareceu necessário e introduzimos um pormenor ou outro de somenos importância em certas formas verbais do verbo haver. No mais, mantivemos o texto transmitido por Caetano de Sousa.

Também não sobrecarregámos o texto com notas críticas e isso porque, sabendo que o leitor naturalmente será pessoa de algum saber, não terá necessidade de indicações extras. Uma ou outra nota pretendem somente chamar a atenção para motivos de maior interesse filosófico e cultural.

PINHARANDA GOMES.

ORAÇÃO DO SENHOR D. DUARTE,
a qual disse no Real Collegio da Costa,
dia de S. Jerónimo, *em Louvor da
Filosofia*. Está o original na Livraria
da Cartuxa de Évora, donde se tirou a
cópia seguinte

(Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa,
tomo III — de António Caetano de Sousa, Lisboa, 1744)

Proposição

Platão, excelentissimo pai da grega ática eloquência e de toda a Filosofia primário prudentissimo, e vós, homens doutos, no diálogo que intitidou *Faedo*, diz:

«Claro está, ó Sócrates, a alma parecer cousa divina, o corpo mortal, a qual cousa, como todas as mais, serem ditas com verdade: a corrupção do corpo, a inconstância, rudeza e dor da alma, a imortalidade, perfeição, o divino entendimento, a virtude deleitosa a toda a pessoa farão fé, pela qual razão em verdade, aquele género de homens carendo ⁽¹⁾ de juizo, entre os humanos não devia ser contado»; os quais, posposto do cuidado da alma o corpo que daí a pouco há-de morrer, não cessam com grande negócio poupar e a rédeas soltas animar sua natureza, não olhando àquele dito do sábio que diz: «Não é homem o que vemos, mas é necessária uma mais subtil filosofia pola qual cada um de nós conhecera quem é, pelo qual respeito, como quer que eles nem das bestas merecem ser distinguidos, os quais todo o targo seu occupam em bem tratar o corpo, passando pelos preceitos da Filosofia como Ulisses pelos cantares das sereias: com surdas orelhas.»

Os estudiosos dela e as doutas admoestações, para isso como cousa sem fruto e sem peso, prosseguem com todo o

(1) Carendo = carecendo.

género de desonra, injúria e importunação, mas, como vós todos, (ó homens doutos), ardentes no amor da Filosofia, inimigos da ignorancia e, finalmente, que cuidais ser o tempo bem empregado em buscar a verdade, veja derredor de mim este trabalho, ainda que não sem medo todavia tomei, por vontade induzido, com a esperança do vosso favor, para haver de defender a causa que teve muitos que lhe favoreceram procuradores grandíssimos, alguns, juizes a nós suspeitos, já de muito tempo. Quem em verdade, não sómente do vulgo e rude multidão, mas o que muito pior é dos principios do povo, como brada a experiência, não deseja mais ganhar que filosofar, quem em comparação das riquezas dos tratantes (2) não afirma a Filosofia ser digna de desprezo.

Creso Alexandre (3), roubador do universo mundo, Julio César e outros que cousa em mais tiveram que serem ricos, mas a mim consola e descansa a verdade da qual o inquisidor maior, Aristóteles, honra das letras, no excelente livro dos Tópicos, dizendo ser melhor filosofar que ganhar, me moveu para que em declarar isso, mais largamente obedecesse aos desejos do bom primário Frei Diogo (4), o qual me constrangeu dizer do louvor da Filosofia. E, agora, hei de orar do concerto da alma e dos seus jaezes (5), para que vós mesmos, a vós olhando e contemplando vossos intrinsecos (6), como em espelho, disto deis sentença, com mais peso e juizo maduro. Porque, o que em si experimenta alguma cousa, ainda que muito obscura, pode muito bem sobre isto pronunciar, mas os outros, os quais afogaram as tenebras da sua ignorancia e nuvens de suas paixões, ao menos creiam as razões de homens doutíssimos, as quais aqui trazemos.

Exposição

Rogo-vos: com que differença cuidam ser distinto um homem das brutas alimárias? Com a vista, ou o ouvido, ou

(2) Tratantes = negociantes.

(3) Creso Alexandre, da Macedónia, o Grande.

(4) Frei Diogo de Murça, educador do autor da Oração.

(5) Jaezes = predicados.

(6) Intrínsecos = alma, consciência.

com exercicio de algum sentido, senão se disserem na fala? (7) Não há aí muitos irracionais que sabem arremedar nossas palavras com semelhante pronunciaçãõ, como o papagaio que, como diz Pérsio (8), em grego dizia *chere*, que quer dizer *salvé?*

Não está claro que, sómente com o entendimento, alma e razão, das bestas temos larga diferença, quanto a sombra e o sonho são vencidos da real verdade, pela qual razão a natureza, ou antes, Deus, ordenou o rosto humano direito e que olhe para o Céu, inclinando ao ventre e à gula como o baixo género dos brutos, donde Ovidio poeta, como todas as outras criaturas sensitivas, tenham vista para a terra, ao homem deu vista para cima (9), e mandou ver o Céu e ter o rosto erguido para as estrelas, scilicet, o padre todo poderoso, não tanto querendo representar a figura do corpo composto dos quatro elementos, quanto a dignidade da alma, deu um ornamento imortal, e que nunca falecesse a perfeição e redondeza das ciências e o saber das cousas; o qual, com contínuo trabalho podemos aquirir, as quais cousas fosse claro terem mór excellencia, ao menos pelo subjecto (10) e tanto mais porque parece que a Deus convém principalmente.

Bem diz Aristo (11) que, como a vista no olho, assim é na alma o entendimento, no qual a sapiencia, que é ciencia das cousas divinas e humanas, escolheu assento excelentissimo, como na torre de menagem. A esta dizem que acharam os homens que primeiro filosofaram, porque a buscaram com grande trabalho, posto que seu nascimento fosse do Céu, e logo no principio a tomámos mais obscura pela dificuldade da cousa; e, depois, com a longa experiência do tempo, e cuidado de muitos engenhos, mais perfeita, e aqueles antigos com muita razão por mor disso recebemos entre os deuses,

(7) Este problema da diferença essencial entre o animal e o homem é constante ao longo de toda a Filosofia medieval e renascentista. Descartes deu-lhe mais lúcida significação no *Discurso do Método*.

(8) Pérsio, ou Aulus Persius Flaccus, poeta satírico romano, que viveu entre 34-62 da nossa era. Escreveu seis sátiras estóicas sobre a immoralidade da Roma Imperial.

(9) Deu vista para cima. O mesmo pensamento aparece na obra de São Boaventura, ao dizer que é recto tudo o que se ergue na vertical.

(10) Subjecto = sujeito.

(11) Aristo, i. e. Aristóteles.

o qual louvor quasi todos os moradores do mundo, desejando cada um por si todos, a altas vozes porfiam que os inventores da Filosofia foram seus naturais, em tanto que ainda entre eles não é partida a contenda.

Muitos querem dizer que dos bárbaros veio aos gregos, porque acerca dos Persas floresceram primeiramente os magos; acerca dos Babilónios e Assirios, os Caldeus; acerca dos Indios, os Gimnosofistas⁽¹²⁾; acerca dos Franceses, os Druídas; em Fenicia, Ocho; em Trácia, Zamelcis e Orfeu; em África, Atlas; os quais todos, como diz Laercio⁽¹³⁾, foram tidos por sapientes. Os outros, com os quais passa Laercio, dizem que os primeiros sapientes foram, em Grécia, Fúseo e Lino⁽¹⁴⁾. Os outros, pela ventura munidos com melhor razão, dizem que nasceu a Filosofia dos Hebreus; as opiniões dos outros, para que me não faleça o dia e me ponha a contar as áreas de balde, passo caladamente, sabendo-as e entendendo bem que, nem os Gregos, nem os bárbaros, nem homens de outras nações, no princípio, puseram a arte em perfeição, visto que, nem até agora, felicissimos engenhos, ou pelos livros dos antigos, ou por sua própria industria⁽¹⁵⁾, puderam alcançar as causas de todas as coisas, mas cada um como pode.

Como Esculápio⁽¹⁶⁾, a medicina, Sócrates a filosofia moral, outros declararam a Fisica, outros a Matemática; com as quais cousas, depois reduzidas a um corpo, a Filosofia, quero dizer, o estudo do saber, resplandeceu aos homens como quando luz a alvorada, com seus cabelos cor de rosa. Prouvera a Deus, ó mancebos estudiosos, que tivera eu tal facul-

(12) Gimnosofistas, seita filosófica hindu que habitava nas florestas. A ela se devem duas obras de interesse universal: *Arantíacas* e *Upnishads*. Para esta seita, o mundo constituía uma sucessão de imagens ilusórias; Druídas, povo celta de médicos e sacerdotes, habitaram a Gália e a Grã-Bretanha. Praticavam a Medicina pelas plantas e uma religião ritualista inspirada no Sol, acreditando na imortalidade da alma. Mais tarde aderiram ao Cristianismo. Durante largos anos foram-lhe atribuídas as ruínas de Stonehenge, na Inglaterra.

(13) Laércio, i. e. Diógenes.

(14) Fúseo e Lino, figuras mitológicas gregas, da família de Orfeu.

(15) Indústria = engenho.

(16) Esculápio, o pai da Medicina.

dade de orar, tal virtude de orar, tais nervos de falar, e tal magestade, (as quais cousas, ou todas, ou pela maior parte, me faltam), que pudesse alçar com dignos louvores, esta vossa filosofia no estudo da qual haveis de entrar.

Ela é a que busca as virtudes, desterra os vícios, como diz Cícero, glória dos Romanos; ela nos soe incitar para abraçar as boas cousas, e fugir às más com seu próprio engenho; ela pode esculdrinhar os secretos cantos da natureza e as cousas escondidas e sómente sabidas de Deus, que as fez, sem ajuda de nenhuma arte, com a agudeza da sua natural virtude. Além disto, com seu respeito, a alma e o corpo, enquanto estão juntos, o corpo manda a natureza a servir e ser subdito; a alma mandar e ser senhora. E, para que diga tudo em poucas palavras, esta distinguindo-nos de outros animantes sem alma e sem razão, às nossas almas logo como no corpo são introduzidas, foram dadas e quase com elas geradas sementes de virtudes e ciências, as quais depois concertadas, dessem frutos suavísimos, os quais, o que não aproveitasse, fosse tido por homem que, de homem, não tivesse mais que a figura, a qual pintasse de costumes bestiais.

Estes tais nem por sonhos alcançaram os bens da alma, porque nem sabem se têm alma, tão fora estão de saber quem é capaz de razão. Os quais, não fazendo conta da sapiencia, e dando-se ao ganho ou às deleitações corporais do mundo, como diz Tulio⁽¹⁷⁾, parece que furtam o sol, dos quais a morte e a vida tenho num preço, porque de ambas se não fala.

Que cousa há aí mais nobre e digna de homem fidalgo que a Filosofia, e pelo contrário, que cousa mais feia e mais torpe, que o ganho e todos os bens fortuitos, se neles pões tua toda esperança? — A Filosofia trata daquilo que a só o homem convém, scilicet, da inquisição da verdade com grande louvor! Porque, como escreve Basílio⁽¹⁸⁾ elegantemente, assim como a própria virtude da árvore é carregar de fruta fermosa e, com tudo, as folhas que vestem os ramos fazem-na mais fermosa, assim a principal fruta da alma é a verdade, e com

(17) Túlio, i. e. Cícero.

(18) Basílio, i. e. São Basílio.

muita razão porque é tão conforme e tão conveniente à alma que, Aristo afirma os homens serem nascidos para a verdade, e pela maior parte abençoá-la; e certo, só o filósofo, quando contempla de alto mui intrinsecamente as naturezas das cousas divinas e humanas, todo está posto na caça da verdade, como o pintor na traça da figura humana, a qual se alcança com ajuda de tal raínha das ciencias.

Não se deve ter por bem-aventurado e riquissimo, qual foi Pitágoras, Samio, Sólon, Periandro⁽¹⁹⁾, Aristipo, Diógenes, Bias, do qual, como a pátria Priene os inimigos tivessem posto a sacco, como conta Tulio, e os outros fugissem de modo que, das cousas suas levassem muitas, sendo-lhe por outro lembrado que fizesse o mesmo, respondeu que assim o faria, e que todas as suas cousas levava consigo. Ele, estes brincos da fortuna, não julgou seus, e nós chamamos-lhe bens. E, se tal homem as cousas já adquiridas deixou, quanto menos andara após eles, como fazem muitos homens perdidos, principalmente sabendo o que Menandro disse num verso: «Nunca homem justo foi erdo rico».

Levou consigo só a Filosofia, companheira mui doce de caminho, a qual nenhum tirano lhe podia roubar, nem desastre de fortuna derribar, deixadas as cousas que para o atavio da alma não serviam de nada.

Ulisses, com semelhante desastre tribulado, perdidas todas as cousas com a tormenta, salvas sabedoria, Minerva e a virtude, não veio arribar salvo à praia de Faeces, e naquele povo foi tido em tanta reverência, que deixada toda sua pompa àquele tempo, nenhum dos faeces desejava mais ser outra cousa que Ulisses, posto que nú e lançado à costa com tormenta?

Por onde ele exclama assim: «todos tenhamos cuidado da virtude, ó homens, a qual acompanha os que perderam tudo no mar, e a qual a mim, num porto dos faeces, mais honrado faz que a eles, ainda que vivam descansados».

O desejo da sapiencia, posto que não se pode ver nem sentir, contudo, sua viveza e excelencia e divindade atrai

(19) Periandro, tirano de Corinto, um dos sete sábios da Grécia; Aristipo, fundador da escola cirenaica, também denominada por *hedonista*; Bias, figura mitológica, filho de Ansitaon e de Idomeneia.

assim os corações dos rudes e prudentes, e nas almas de alguns, aos quais favorece Jupiter, deixa pregados os agulhões do seu dulcíssimo amor, de modo que elas são uma companhia, nada julgam honesto, nada proveitoso e aprazível, nem a vida pudesse viver ante todas as cousas, logo haverem de perecer todas as leis, os direitos, as congregações humanas, justiça, fortaleza e todas as virtudes e todas as boas cousas haverem de ser anuladas; e a vida não se poder sofrer com razão julgam; nem devem ser ouvidos aqueles que cuidam que Sócrates, porque disse as cousas sobre nós, não nos convém, e seguir sómente a Filosofia moral que, por isso, houve toda a mais Filosofia por escusada, porque aquela doutrina que ensina regras de bem viver, é tão avantajada das outras que, em seu respeito, as especulações naturais dos Céus, movimentos das estrelas, medidas das terras, os géneros dos números, consonâncias, proporções e todas as cousas que punha sobre nós, de alguma maneira são para desprezar. E, de outra maneira, um homem tão douto, cuidando que nos honrava com o lume das virtudes e manjar da bem-aventurança, justamente nos esbulharia da glória imortal e da grande bem-aventurança, a qual consiste na contemplação das cousas altíssimas, e, para conseguir um tal bem, perfeitamente devemos dirigir e reduzir todas nossas obras, como dizem os Filósofos, segundo o provérbio dórico: «Levar a pedra à corda»; e, posto que, como dizem os Gregos, não há aí quem de todo o cabo seja bem-aventurado e, como diz Sólon, ninguém se pode chamar bem-aventurado antes da morte e das últimas exéquias, ao menos, empregando nisso vossas forças, pois que assim de Deus é ordenado, seremos mais chegados à bem-aventurança. É isto a Filosofia acompanhada de virtude, sem a qual se não pode suster em mais cópia e abastança do que cuidamos costuma dar aos que a seguem.

Dizei-me, peço-vo-lo, que arte, como diz Tulio, mezinha ⁽²⁰⁾ as almas, tira os vãos medos, livra de cubiças, lança fora o temor? Que arte aos bons dá prémios, e aos perversos castigo, como suas culpas merecem? Que outra ciencia dá preceitos para governar republica como cumpre e para o regi-

(20) Mezinha = cura, sarar.

mento da casa de cada um como é esta, a Filosofia? Pela qual razão, diz Horácio, o exercício dos costumes, igualmente desprezado, trará dano aos moços e velhos. Ensina com gravidade que, nas cousas só a mediocridade é virtude, a temperança fortaleza, liberalidade e tudo o que está dentro dos marcos da mediocridade, assim como é bom assim haver de ser desejado por obra e affecto, e os extremos como excessos e defeitos, assim como intemperança, medo, ousadia, avareza, haverem de ser aborrecidos, o que não carece de grande trabalho porque, assim como pregar o alvo não é de quem quer senão de bom besteiro, e achar o meio do círculo pertence ao géometra, no qual fácil é errar, assim, sem a ajuda de prudencia, a qual nasce do muito uso, como arco das velhas de mil cores, não pode ninguém nas virtudes conhecer e achar o meio, porque de uma só maneira um homem é virtuoso e de muitas mau. Mas, faltar nos extremos, como seja causa fácil e de muitas maneiras, a mor parte da gente o costuma e, por isso, diz o poeta Hesíodo quão facilmente abraçamos infinitas artes de pecar, os vícios pousam perto, breve é o caminho que lá vai. O caminho da virtude é contrário, nele se segue trabalho e é mui comprido, por ásperos penedos e longa subida, na entrada é trabalho. Só depois de vir acima, ao cume, é mui deleitoso.

Ensina-nos mais esta mestra de bem viver; a bem-aventurança, não estar posta na deleitação, como cuidam os populares e os Epicureos, não na honra como os galantes e os ambiciosos crerão, não na virtude só como escrevem os estóicos, nem nas riquezas, mas principalmente na obra virtuosa e, secundariamente, nos bens do corpo e da fortuna, como em ajudas para honra e melhor execução das virtudes.

Aristo e todos os sequazes seus provaram por razões necessárias, e como quer, que todo o nosso erro nasça da ignorancia do fim, como razão. A Filosofia que pinta este fim de suas cores, mereceu louvor de todos os sábios, e certamente ela é a que se chama estudo da sabedoria, contemplação da verdade, enquanto verdade vedora da alma, segundo direita razão, ciência de bem viver e por outros muitos nomes.

Esta nos ensina dividir o todo em suas partes, a cousa obscura defini-la, e disputar prontamente de qualquer questão, desterrar a falsidade com vivas razões, seguir a verdade,

e o que parecer verdade sabê-lo descobrir de certos lugares que para isso há, sem ajuda da qual não podemos nada tratar, nem falar bem, nem exercitar nosso engenho, a qual cousa nós compreendemos em dois versos :

« Como a triaga para todas as enfermidades / Assim a Lógica aproveita a todas as artes / . »

De modo que, destituídos desta triaga, raíinha das mezinhas, os homens necessariamente caem em mil doenças, quero dizer, em mil erros grandissimos, como Epicuro e não poucos dos antigos, e finalmente se alagam no fundo pego. Pela qual razão diz Tirio, os engenhos dos homens são mui conjunctos aos oragos, nem há aí cousa mais para comparar com o entendimento divino que a virtude humana; e Aristo deixou escrito todos naturalmente sermos participantes da Dialéctica e da Retórica, porque todos em alguma maneira perguntamos e damos razão, acusamos e defendemos. Mas bem sei que me podes dizer que é dificultosa e mais escura que o labirinto de Dédalo, mas segundo isso não sentes a doçura do miolo da noz de que fala Issopete ⁽²¹⁾ nas fábulas, mas sómente, ao revés, gostas o amargoso da casca.

Que cousa há aí mais trabalhosa e sem gosto que os principios das ciências, e que há aí mais doce que o fruto delas ?

Não temos por sábio o que sabe cousas trilhadas de todos, senão ocultas e de poucos conhecidas. Como não sabes que em refrão ⁽²²⁾ traziam os antigos, as boas cousas são dificultosas ? Assim que da Lógica dizem alguns que Zeno foi o autor, na qual, porém, como na moral e natural cume do humano engenho, é singular para todos os filósofos, mando da liberdade de falar, pelo prasma de todos, mereceu a primeira honra. A ele segue a escola dos Peripatéticos ⁽²³⁾, a bandeiras despregadas, dele todos a doutrina sobre todos louvam, com espanto e veneração, pela qual causa claro está que não sómente venceu os tesouros de Dario e Cresso, mas que ainda alcançou e deixou fama principal e perdurável,

⁽²¹⁾ Issopete, i. e. Esopo, o fabulista.

⁽²²⁾ Em refrão = costumavam afirmar.

⁽²³⁾ Peripatéticos foi a designação attribuída aos últimos mestres da escola aristotélica de Teofrasto e de Estrato de Lampsaco, comentadores de Aristóteles.

por onde o gravíssimo orador Isócrates, a meu parecer, disse muito bem: «Muitas ciências são de mais excelência que as riquezas, porque estas passam logo, as letras ficam para sempre porque só saber é bem de raiz para sempre».

Chega-se a esta terceira parte da Filosofia a qual os Gregos chamam Física, os Romanos Natural, pelo dito de todos não menos proveitosa que deleitosa e, estou em dizer, de mais dignidade que as outras duas. Desta, uma parte trata as cousas que carecem do movimento, divinas e primeiras causas, e chama-se Teologia; outra, contempla os motos dos planetas, os circuitos dos corpos celestes e ordem do mundo e chama-se Natural, ou encruzilhada de quatro caminhos matemáticos, a qual parece ensaiamento para a contemplação das cousas divinas, porque dela, como de escabelos ou de degraus, subimos a cousas mais altas. Esta contém em si a Medicina, e todas as cousas que pertencem ao conhecimento da Natureza, a qual primeiro, como que negoceie nos primeiros princípios e causas, e se esmere na contemplação do sumo bem, quem tão desprovido de sentido e juízo, que negue haver-se de chamar sapiencia em mais alto grau e raíña de todas as ciencias?

Portanto, se em Deus cabe inveja, como diz Simónedes, nisto sou de crer que no-la tem, porque os homens presumiram de usar e alcançar cousa mais alta do que cumpria ao seu engenho, e sómente conhecida do Sumo Deus. Mas nem Deus é invejoso, e, como se diz, os livros dos poetas têm muitas mentiras, e se o sapiente deve saber tudo, é necessário confessar que de todas as ciências terá os louvores, não vejo que cousa se possa ou dizer ou imaginar melhor. Com estas divisas se honrou Moisés, Platão, Aristo, Tulio, (nem queremos aqui contar ao vivo Santo Jerónimo, Agostinho, João Crisóstomo e outros), dos quais, (pesam-me serem poucos), alcançaram nome para sempre⁽²⁴⁾.

Mas dirão: diz São Paulo, que a ciência incha, porque não ajuntam logo, que a caridade edifica, que não julga as letras serem vizinhas das virtudes, e com elas andarem de mistura; e diz Tirio que excelente cousa tem a verdade

(24) Uma teoria acerca da imortalidade ou glória da história, que Séneca também expôs na *Brevidade da Vida*.

sabida se o conhecimento dela não traz virtude, pela ventura do verdadeiro bem que seguiram os acima nomeados, Platão. Não constituiu fim bem viver, que nos ensinam Éticas, Económicas, Politicas, Leis de Sólon, as doze Tábuas dos Romanos, as quais Crasso propunha a todas as livrarias dos Filósofos, senão juntamente lançar mão da vida e doutrina. Faz a isto o que se escreve na Sabedoria, na alma maligna não entrará a sabedoria, nem morará em corpo sujeito ao pecado. Assim que, todas as doutrinas que consistem na inquisição da verdade, senão são dirigidas ao bem, devem ser tidas por falsas e sofisticas, porque já não merecem de ter tal nome, mas pela ventura, a minha oração não fez fé às orelhas dos indoutos, da opinião dos quais, bem vejo que estais longe, ó ouvintes virtuosos, os quais porfiam muitos letrados viver mal dotados de maus costumes, soberbos, menos presadores do direito humano e divino, e além disso, ao orador chamam enganador, ao lógico enleador, ao fisico mata-sãos, ao procurador burlão, e aos mais fazem semelhantes injurias, e, se estes são vícios dos homens e não das artes, porque com eles defamam das letras e das ciências? Porque não dizemos mal dos quatro elementos? — Porque nestes faleceram muitos, e isto diz Aristo.

A todas as cousas ser comum senão à virtude, e ainda às mais excelentes, como às forças, saúde, riquezas, império, porque destas cousas o que bem usa, faz proveito, e o que mal, dano. De todas as cousas podem os homens mal usar, senão da virtude, quanto mais que o que não é mais Filósofo que em falar e não na vida, esse tal chamaria eu amigo do corpo e não da sabedoria.

Vão-se em boa hora os inimigos e escarnecedores das boas letras e em que lhes peze, confessem não se poder sustentar a Filosofia sem resplendor de muitas virtudes.

Mas, tornando aos Físicos especuladores das cousas, as quais a natureza quiz ter secretas, não me posso assaz espantar quanto proveito e quanta deleitação nos deram com a novidade das suas cousas as quais a nós, que éramos rudes das cousas que no Universo aconteciam, deste profundo lago da ignorância, nos trouxeram ao conhecimento das causas. Que principios há aí, quantos Céus, como são geradas as cousas, como se movem, como se compõem, e como se resol-

vem, doutamente nos ensinaram e, o que nos era mais necessário, quantas almas há aí, vegetativa, sensitiva, racional, e como entre si diferem; que potencias, que afeições, e propriedades, que costumes tem, e com que remédio e mesinha se possam conservar no corpo assim doente; como são, mui largamente nos mostraram, e não sómente muitas razões e mui evidentes argumentos, quanto podia ser a immortalidade de nossa alma, a qual cousa, ó Deus, quão bem a declararam Pitágoras, Sócrates, Platão, seu discípulo Aristóteles, luz da Grécia, e muitos antigos, e muitos mais latinos o que, senão soubéssemos que havíamos esperar de nossa vida depois desta morte corporal, não se farão todos à seita dos Epicureos; os quais, negando a alma imortal, dão-se todos aos seus deleites, e se passaram aos costumes de Sardanapalo⁽²⁵⁾. Diriam atrevidamente: come, bebe, folga, depois da morte nada fica gosto. Nem sei cousa mais feia, mais torpe e mais contrária ao bem comum que possa imaginar.

Portanto, é muito para agradecer àqueles que nos livraram de tanto perigo e de tão torpe conselho e, principalmente, a Aristo que, neste negócio trabalhando, muito compôz para comum proveito de todos os livros dos Físicos, algum tanto intrincados, mas por isso mais estimados, os livros de Anima⁽²⁶⁾, das plantas, dos animais, problemas cheios de muitas doutrinas, De Coelo, de geração e corrupção, de sentido e coisa sentida e outros muitos dos quais muitos o tempo gastou, e tudo escreveu tão douta e copiosamente que, qualquer trazido a grande espanto poderá crer no que fez ser ele o autor ou, ao menos, secretário da Natureza. Para que alegarei os antigos Filósofos Empedocles, Heráclito, Anaxágoras, Demócrito, os quais, fingindo monstros e mentiras como lhes vinha à vontade, enganavam o povo?⁽²⁷⁾ Quão falsas, ineptas, e dignas de zombaria são as opiniões deles! Mas quão fãcilmente as persuadiram a gente ignorante, se de Deus não fora dado ao Mundo Aris-

(25) Sardanapalo, rei dos Assírios que, atacado pelos Medos, deitou fogo ao seu palácio de Ninive e ali morreu.

(26) *De Anima*, das plantas, dos animais; *De Coelo*, da geração, da corrupção: trata-se de obras de Aristóteles.

(27) É evidente que, como escolástico de raiz aristotélica, D. Duarte entende que a filosofia anterior ao Estagirita é falsa.

tóteles, porque, como diz Tucídedes, o povo não costuma buscar a verdade com muito trabalho, antes escorrega para aquelas cousas que estão aos pés. Donde, o vulgo indouto, a qualquer homem que afirma falsidades, por sua ignorância e leviandade, ainda que de não todo sem consideração, nem sem respeito do bem, e do mal do seu proveito e gosto, o que a todos é igual, e da natureza nos é dado, qualquer coisa ou desejo, ou aborreça, pela qual razão como eu cuido ainda que não queirais, haveis de ser Filósofos, porque se provardes a Filosofia de todo sem proveito, e não conveniente à regra de bem viver, desgostosa, indigna de quem é livre, e haver de ser da republica desterrada, como dizem as histórias que fizeram os Gregos.

Já nisso mostrar-vos os Filósofos, a qual coisa com tudo alcançares mais perfeitamente, sujeitardes vosso tempo nas letras e no autor delas, porque a arte arremeda a natureza, nascida de muita diligência de engenhos, dá perfeição à natureza, e isto compridamente não podereis fazer senão souberdes primeiro falar sem vicio e, depois, dizer com estilo copioso, elegante e ornado, o que em cada coisa se pode achar conforme a verdade, e muitas vezes em verso no qual, dos principais poetas, Homero, Hesfodo, Empedocles; Latinos: Enio, Lucrécio, e Virgilio, Rei deles, a sapiência e virtude resplandece ilustríssima com muitos louvores em tanto que não duvidou um autor dizer: «toda a poesia de Homero é louvor da virtude» e todas as suas cousas pretendem algum fruto, pela qual razão, estas primeiras artes são gostosas e necessárias, como degraus de pedra para subir ao cume da alma, ou, como servas das outras se devem logo de aprender.

Entre os Gramáticos, Neblissente⁽²⁸⁾ dos Espanhóis mais douto, Prisciliano não menos antigo que elegante, Diómedes, Donato, Sérvio, Linacro, Peroto, e os mais que nesta arte faleceram se devem de ler. Esquecia-me Lourenço de Valla⁽²⁹⁾,

(28) Neblissente, gramático espanhol; Prisciliano, heresiarca espanhol do séc. iv; dos restantes autores citados, Donato é o mais célebre. Professor de São Jerónimo, escreveu a *Ars Grammatica*, muito vulgarizada na Idade Média.

(29) Lourenço de Valla, 1407-1457, humanista italiano, pioneiro na exegese dos textos gráficos.

o qual diante de todos houvera de nomear, o qual não sei se recebeu tanta honra das Musas em sua singular eloquência, quanta lhe faz em desterrar a barbaria e restituir o Latim a seu antigo primor, homem doutíssimo em Grego e em Latim, e que honrou as Musas com sua agudeza. Na Retórica devem ser lidos Quintiliano, Marco Tulio, e alguns assim dos Gregos, como Demóstenes, Isócrates, Xenofonte, Platão, como dos Latinos nesta arte mais exercitados, dos quais porém, Quintiliano, nos preceitos (tiro deste conto Aristo), Tulio em orar pela vida dos seus cidadãos, segundo o juizo da posteridade levaram os votos de todos, porque misturaram gosto e proveito.

Mas, de Tulio, os louvores do qual sofre a humana eloquência, os livros dos autores põem nas estrelas, é melhor calar de todo, que dizer pouco, principalmente entre homens tulianos, com o qual, Primaz dos Oradores, e com Virgilio dos Poetas, Roma se pode gloriar, porque conta-nos por muitos exemplos, não os homens enobrecidos pelas Cidades, mas elas nomeadas pelos homens; o que, todavia, ousarei afirmar que não aconteceu aos regedores das Cidades, se da Filosofia foram ignorantes, e em verdade, que fama tivera o lugar de Estagira se lhe não dera Aristóteles, que fama Soli, senão foram Arato, e Crisipo, visto que, pelo contrário, Cambles, Rei dos Lidios, Nero, Heraclites, Valenciano, imperadores, por suas torpezas desonraram as terras onde foram criados?

Mas, o nome de Atenas, não pela fertilidade do campo, da qual cousa o contrário está claro, mas pelos excelentes engenhos dos homens que ali nasceram, foi dilatado. Que contarei? — Mântua, antigamente, aldeia, agora famosíssima por Virgilio, Verona de Catulo, Venusio de Horacio. Em Grécia, Salamina de Sólon, Lacedemónia de Chilo, Mitilene de Pítaco, Cirene de Lácides, Carneades, Tarento de Archita, Ascra de Hesíodo, Agrigeto de Carcino, Tebas de Epaminondas, Surina de Homero, e outras muitas vilas de clara nobreza.

Da Pátria de Nestor e Ulisses, lembra ler em Tíbulo, não Pilus ou Itaca geraram tão grandes homens; ou Nestor, ou o grande creado de terra pequena. Segue-se que estes não poderiam esclarecer suas terras pelo nome de seu saber, se eles por isso sobre todos não fossem avantajados, de modo

que não sómente os homens, mas também os deuses, atraídos com seus merecimentos, lhe fizeram honra. E, se a mim não queres crer, certo, Galeno, em que peze a inveja, príncipe dos Médicos, o diz. E, «ao menos, mova-vos a autoridade de Apolo. Este é o que Sócrates julgou sapientíssimo, e recebeu desta maneira a Licurgo: — A que vieste ao meu templo, Licurgo, amigo de Júpiter e de todos os deuses que moram no Céu? Duvido se te chamarei homem ou deus, mas creio seres deus de muita autoridade».

O mesmo, querendo fazer honra a Arquíloco morto, não quiz que o que o matara entrasse no Templo, dizendo: «homicida de tão grande poeta não entres aqui e, se a cubiça de haver te afasta do propósito de buscar a verdade e satisfazer aquele verso de Hesíodo que diz: «O dinheiro é alma dos coitados dos homens». Com que género de ganhos esperas ser mais rico que em filosofando, que pode vir a ter mais senão quizer disso rir?»

Que género de homens lemos de mais autoridade acerca dos povos e príncipes, em poder dos quais foi o regimento do mundo, e os tesouros dele?

Havia por muito Alexandre, o magno, querer, Diógenes dele alguma cousa, nem cumpriu com seu desejo, antes desprezado e pezando-lhe, de Diógenes não querer aceitar mercês, fizera a Aristóteles se quizera andar na corte, antes dizem de um que, como por Deus inspirado para se mais entregar à Filosofia, lançou quanto tinha no mar. Vedes como muitos, em comparação do saber, tiveram em nada as riquezas.

Que proveito traz um monte de ouro em mão de quem o não sabe reger?

Como cremos que não disse verdade o orago de Apolo ao qual, como Giges inchado com o reino de Lidia bem provida de gente, ouro, e armas, como viesse a perguntar quem era o mais bem-aventurado homem da terra, Apolo, do fundo da cova, disse que Psoídio Alaio era mais bem-aventurado que ele, o qual, como se soube, era o mais pobre da Arcádia?

Donde parece que, diz Sólon aos ricos, nós não trocamos pela riqueza a virtude, porque esta se perpetua, e a riqueza ora é de um, ora de outro, assim que a virtude e letras são tão firmes e constantes, que não desamparam seus possuí-

dores, nos extremos perigos, pela qual razão Aristipo dizia bem o qual, com tormenta lançado no porto siracusano, susteve a si e aos seus companheiros em suas letras. Dizia a uns que iam para sua terra; mandai a meus parentes que façam por adquirir fazenda que se salva salvo o senhor. Ó divino dito, e digno de sempiterna memória, porque não lançamos mão dele, porque antes queremos estar num mísero cativeiro, e estar presos nos ferros das riquezas como Marco António, Lucio Sila, e outros muitos? Só a sapiencia ordenando a vida conforme a razão faz os homens livres de sua jurisdição e riquissimos, pela qual razão diz Séneca: «Deves de servir a Filosofia, se queres gozar da verdadeira liberdade».

Esta, como quer que lance fora da alma todo o género de vícios, ambição, avareza, sem justiça, como Helebero para purgar a cabeça, pelo contrário traz consigo temperança, fortaleza, liberalidade, prudencia e quanto faz para os costumes dos virtuosos; e, por isso, dá a verdadeira liberdade, assim como o Senhor que, no Templo de Ferónia, fez seu escravo forro, e sobre a cabeça rapada lhe põe um barrete redondo⁽⁸⁰⁾.

Esta, como quer que contemple as causas das cousas divinas e humanas, os movimentos dos céus, e das estrelas, a bem-aventurança pela qual suspira e na qual descansa nosso engenho, nos dá nesta vida, e mais ainda, o que de maior primor afirma Platão, autor gravíssimo, no diálogo De Animi Immortalitate⁽⁸¹⁾, não ser aberto caminho para o céu senão àqueles que nesta vida foram dados à Filosofia e morreram com limpeza de suas consciências; àqueles a quem não a loba e barba fez filósofos, mas as letras e a virtude; àqueles que levam consigo, depois da morte, a Filosofia para o Céu, mui diferente dos avarentos os quais, forçados da morte deixar suas riquezas aos herdeiros por muitas que sejam. A este propósito favorece aquele bellissimo epigrama de Ausónio⁽⁸²⁾:

«Vi a tua sombra Diógenes, ó Cresso, no inferno, e deteve-se e de longe com grande riso disse: ó rei dos reis o mais rico, que te aproveitam agora tuas riquezas? Vejo-te

(80) Símbolo de homem livre.

(81) *De Anima Imortalitate*, o mesmo que *Fédon*.

(82) Ausónio, Decimus Magnus Ausonius, poeta latino, 310-393.

só, e mais pobre que eu, porque eu trouxe o que tinha. Tu, de quanto tinhas, não trazes nada».

O mesmo mal acontece àqueles que a formosura corporal deixando o culto da alma, procuram cousas que logo se hão-de acabar, os quais, daí a pouco sentindo sua perda, quando se cobrem de cãs e a pele treme no corpo fraco, não cessam prasmarm⁽³³⁾ o tempo passado e chorar suas falsas confianças;

E queriam antes não ter vivido que com costumes bestiais ter vivido para o corpo; acusam seus pais porque lhes deram mantimentos contra as Leis de Sólon, e lembram-se, não sem causa, do provérbio que diz «olhai pelo cabo»⁽³⁴⁾; aborrecem na velhice como mãe de vícios, trabalhos e doenças, os quais Tulio trata como eles merecem no livro De Senectude; e bem sei que dirão que excusaram o trabalho do colégio, o qual é mui grande. Como não é mais triste e trabalhosa cousa viver como bestas, sem escrupulo de consciência, a qual é cruelissimo algoz! E, depois que vier a velhice apressada com seus males, estar em perpétua dor e fadiga, e tu, querendo evitar o trabalho que procede do estudo, cairás em perpétuo langor, desprezo, desonra e abatimento principalmente, dizendo Píndaro: «Ninguém há fora da sorte dos trabalhos, nem será», mas por ventura propor-me-ão aquela sentença de Ptolomeu: «a alma disposta a receber a verdade aproveita nela mais que a que se exercitou muito na ciência». Mas não duvido que se deve de entender aquele dito dos que contra sua inclinação e sem engenho, se põem a aprender, e porém com as mesmas palavras que Quintiliano do Orador escreveu, podemos nós confirmar os fracos engenhos, porque grande cousa é a perpétua Filosofia não no nego; e, contudo, não nos tolhe nossa natureza chegar lá, e senão a alcançar, todavia, mais perto irão os que pretendem ir ao cabo que os que, antecipando a desesperação, logo ficarem no baixo, a qual cousa, como quer que esteja posta na nossa mão, que empreguemos nossas forças para exornar a alma, não como nos dons e graças do corpo, as quais crescem connosco, nem as podemos com razão vituperar ou lou-

(33) Prasmarm = lamentar.

(34) Olhai pelo cabo = pensai no fim, na morte.

var porque, alegando rudeza de engenho e dificuldade, em torpeza gastaremos de balde o tempo, a perda do qual se deve mais sentir que toda outra perda.

Como não parece melhor ganhar honra com forças de engenho que com riquezas, e pois que a vida que vivemos é breve, fazer longa a memória do nosso nome, porque a glória das riquezas, e da formosura passa e é transitória; a virtude dura para sempre e, se o género dos homens, enquanto mortal participa com os brutos, e enquanto imortal com os deuses, pois, como diz Arato: « todos usamos de Deus porque dele descendemos » — inclinando-nos à melhor parte trabalhemos pela doutrina, e alcançaremos o maior bem da vida. Mas, se nos ocuparmos mais em negócios de fazenda, que da ciência, ao revés do que deve ser, será necessário a alma servir ao corpo, mandar cessar a virtude, crescer os vícios, e assim semelhante a Teseu, sem fim *com dor seremos tormentados*.

Conclusão

Estas são as cousas, ó Portugueses, que tive para dizer do estudo e amor da sapiência a que os Gregos chamam Filosofia, em comparação da qual todas as cousas desta vida mortal confirmamos não ter nenhum peso, para bem servir alegando para isso autoridade de homens doutíssimos. Mas, já para que esta nossa nau cansada venha surgir ao porto, bom será, como em final achega, dizer alguma cousa da Teologia, sem a qual não é nada perfeito de tudo quanto orámos. Aqui desejaria eu não tanto a eloquência de Tulio, ou Demóstenes, ou de Xenofonte, quanto de aquele povo consagrado por Deus o qual, dizem as fábulas, com a doçura da sua lingua, fazer sono, e tirá-lo. Falo de Mercúrio, e mais convenientemente pedirei favor e ajuda divina, visto que Deus trouxe ao Mundo esta Filosofia do Céu à terra, do Pai da Luz aos engenhos dos homens, pela infinita caridade com que amou o género humano, que ele, para de tal cousa falarmos, nos deu cópia e forças.

Porque, como a Teologia seja tratado de Deus e fosse declarada primeiro pelos profetas, e depois pelo Filho igual a seu eterno Padre, não sei com que comparação posta diante

dos sentidos, possamos tratar tão alta grandeza. A que propósito a compararemos com as ciências humanas, as quais ele, pelo Espírito Santo, condena por ignorâncias, porque a Filosofia, a qual adquirimos por estudo, senão é dirigida a Cristo como à barreira ⁽³⁵⁾, antes se nela pões tua confiança e esperança, como aconteceu a todos os gentios, há-se de ter por vaidade e cousa sem nenhum proveito para a bem-aventurança.

Excelente género de Filosofia, em respeito da qual cousas tanto para espantar segundo humano juízo, e nas quais trabalharam tantos homens com sua grande honra, são tidas por néscias e falsas. O novo e não usado género de ciência, a qual para nos dar Deus vestiu-se de nossa figura, de imortal feito mortal, de Senhor servo, de poderoso baixo, entanto que O não conhecíamos, como diz Isaias: A este Jesus Cristo, Deus e homem Senhor do Mundo, o Padre Todo Poderoso prometeu do mandar a Adão e Eva, caídos em pecado, havendo dó do género humano, quando disse à Serpente: «Porei inimizade entre ti e a mulher, e ela te britará a cabeça, e tu farás traição ao seu calcanhar»; e, depois, a Abraão, na semente dele todas as gentes haver de ser bentas; e, além disto, muitas profecias dos Patriarcas e Profetas, entre os quais são Isaias, Jeremias, Ezequiel, Daniel e David rei, profetizaram ao povo Cristo haver de nascer, o qual testamento por isso se chamou velho. Assim que depois que o que com só aceno rege todas as cousas do Padre se partiu para as Terras, as Escrituras velhas, escuras, com figuras e encober-tos mistérios nos declarou, mui por outra arte do que os Judeus as entendiam, trazendo, depois de tantas seitas de Filósofos, uma nova ciência ao mundo, a qual de todo o tempo de sua vida, sem nenhuma acepção de pessoas, mas a todos os homens que a quiseram aprender, abriu e declarou ciência não tomada da escola dos teólogos. Mas, com o testemunho do Céu e do Padre duas vezes aprovada, a primeira fez no Baptismo no rio de Jordão, a segunda no Monte Tabor na transfiguração, nesta forma: «Este é meu Filho amado no qual muito me apraz ouvi-Lo».

(35) Barreira, o mesmo que meta ou objectivo.

Peço-vos: com que autoridade e consentimento se pode cuidar a doutrina ser celebrada, e nós mais incitados a ouvi-la, porque o não ouvimos assim de São Pedro, Príncipe da Igreja, S. João, discípulo amado, e muitos outros notáveis com santidade? Porque o não imitamos por obras, não sómente tomando as palavras, como os obstinados Judeus? Porque, à minha vontade, não é Teólogo⁽³⁶⁾ sómente o que disputa dos Sacramentos, dos dez preceitos da Lei e da virtude com toda a subtileza de palavras, se com a vida mais arremeda os Fariseus que a Jesus Cristo!

Aquele, com razão merece tal nome, o qual com obras cumpre (o que todos podem), a doutrina de Cristo, a qual se chama restauração da natureza, e quase regeneração; e, como o Baptismo de todos os Cristãos seja um, com o qual ganhamos a honra de tal estado, e somos desta guerra cavaleiros jurados; e como todos os mais sacramentos sejam comuns a todos e a bem-aventurança a todos esteja proposta, certo todo o que quiser pode ser virtuoso Cristão, e mais Teólogo. Poucos acabam de alcançar a doutrina dos Peripatéticos, as opiniões dos Estóicos, os números de Pitágoras. Ninguém desta disciplina é engeitado, posto que seja de duríssimo engenho, se for pronto e folgar de ser ensinado, e com humildade o pedir verdadeiramente. Antes vos digo que o Spiritu Sancto a nenhum comunica sua sabedoria, tanto quanto aos de coração singelo e humilde. Nem por isso condeno certas subtilezas dos Teólogos, as quais a gente comum não sabe, mas porque daí não devemos de afirmar que eles só entendem a Sagrada Escritura, a qual é mais patente que as estrelas e que o sol, e sós hão-de herdar a bem-aventurança, mas todos os que choram, os que socorrem aos pobres, que por mal retribuem bem, e amam o próximo como a si mesmos, os que estão pela vontade de Deus e o honram sobre todas as cousas, e confiam na Paixão de Cristo com grande esperança. Aqueles certo verão Deus em Sião!

Isto, nossos antepassados e os Doutores da Igreja, Ambrósio, Jerónimo, Agostinho, Gregório, escreveram em muitos livros e fizeram por obra. Do que serve contar aqui Crisós-

⁽³⁶⁾ D. Duarte explicará que por «teólogo» entende o fiel, o amigo de Deus.

tomo, Basilio, Bernardo, Cirilo, Beda ⁽³⁷⁾ e outros Padres reverendos? E, contudo, razão é crer que a doutrina evangélica de nenhuma parte se sabe mais limpa que das fontes do Evangelho e das tradições dos Apóstolos, a quem ensinara melhor a arte de bem viver que Jesus Cristo. Quem nos notificara melhor a vontade do Padre que o Filho? Quem melhor poderá descobrir o segredo da Santissima Trindade? As quais cousas, para que carecessem de toda a dúvida, e o testamento fosse mais valioso, com a morte do Testador como ab aeterno estava ordenado, a morte preciosissima pela redenção do género humano sofreu pacientissimamente na Cruz (†) ⁽³⁸⁾, entre dois ladrões; como cordeiro foi levado à morte, nem abriu sua boca. Ó doutrina felicissima, celebrada com tantas profecias, a qual não trata de cousas fortuitas e caducas, mas das que pertencem à bem-aventurança e glória sem fim, glória perpétua, glória que não cai, nem com poder de Principe, nem de anjo, nem de demónio! A qual contemplando São Paulo diz: «Quem me apartara da caridade de Cristo?» — Quem, estudioso desta Filosofia arredará dela? E, por isso, bem-aventurado o que de dia e de noite cuida na lei do Senhor, e se algum quizer subir mais avante, como os tintureiros que aparelham o pano primeiro usam de certas cousas, e depois tingem-no de vermelho, ou amarelo, assim embeba todas as outras disciplinas, e, sabidas as cousas naturais, tome a Teologia, nas voltas da qual haja de envelhecer. Donde diz Basílio, para vencer esta contenda: «— Todas as cousas devemos fazer, e trabalhar quanto pudermos para o aparelho deste estudo». Havemos de tratar com Poetas, Oradores, Retóricos, donde nos fica algum proveito para a instrução da alma. Porque assim alcançará virtude e a verdadeira Filosofia a qual, como escreve Santo Agostinho, «é amor de Deus».

Porque Deus é a primeira sapiência, pelo qual são feitas todas as cousas, como mostra a Sagrada Escritura e a verdade, na sepultura do qual quadraram estes versos de Ausó-

⁽³⁷⁾ Beda, 673-735, historiador primitivo inglês. Monge beneditino, é o autor de *Ecclesiastical History of the English Nation*.

⁽³⁸⁾ A cópia constante das Provas da História Genealógica contém apenas o sinal da cruz, e não a palavra por extenso.

nio: «Deita nesta cinza vinho e cheiros / Ó hospede, e bál-
samo com rosas vermelhas / O lugar onde estou sem lágrimas
é sempre verão / Mudei as vidas, não morri / ».

A qual imortalidade Deus, dador dos bens como àqueles
antigos Padres que bem trataram a Teologia e a Filosofia,
assim a vós, honrados ouvintes, dos quais o estudo pertence
à virtude e letras, depois desta vida conceda mui eternamente.

Disse.